

## A Nação Zumbi por Hermano Vianna :

"A Nação Zumbi deve ser pensada como um coletivo de idéias artísticas, guerrilhas culturais e intervenções políticas (entre muitas outras atividades), do qual a banda musical é apenas sua (inter)face mais visível e aparentemente amigável. O Manguê está na origem de tudo. O Manguê como gerador de uma antropofagia cultural, que deu nova potência e direção para a visão de mundo dos agrupamentos mais combativos da juventude brasileira (e - por que não? - da cultura brasileira) dos anos 90. O Manguê como caótica Rede, onde a Nação Zumbi é - orgulhosamente - uma página, um site, um atrator estranho para projetos não menos estranhos, misturando todos eles e produzindo uma nova realidade, nem um pouco virtual (mais real impossível).

O Manguê mudou a cara de Recife e do Brasil. Pouco a pouco o resto da Nação, que ainda não é Zumbi, vai se dar conta dessa mudança. No Recife, todo mundo sabe do que estou falando. Com a morte de Chico Science, até os governantes pernambucanos descobriram estar vivendo num novo Estado (tomara que cada vez mais tradicionalmente ingovernável) e foram obrigados a decretar luto oficial de três dias. As honras estatais chegaram tarde: milhares de mangues-boys e manguê-girls já percebiam, há anos, que o Recife não era o mesmo. E que a morte de Chico não ia fazer o mundo e a cidade (que não pára, só cresce) voltarem pra trás. Todos tinham que continuar a viver no movimento deflagrado por Chico e pelo Manguê. A Nação Zumbi também tinha certeza, por mais emocionalmente destruídos que seus componentes estivessem, que o dever era continuar em ação, para mudar ainda mais, - e para melhor - o que já estava mudado.

Por isso não é exagero dizer que a Nação Zumbi é um coletivo político. Não é político no sentido parlamentar do termo: o buraco aqui está embaixo, mais na Lama. A atividade Manguê no Recife foi política sem aliança com os políticos. A sua lição mais básica foi absolutamente clara: se o mundo está ruim, mudemos o mundo. Se a cidade do Recife está culturalmente estagnada, implantemos na cidade - sem a ajuda ou o mecenato de ninguém - um estado caótico de agitação artística. Não adianta ficar sentado no bar (cadê Roger?) reclamando da vida, da distância de Londres ou Nova Iorque. Basta fazer alguma coisa, qualquer coisa boa. Basta confiar na própria criatividade. Ninguém imaginava, no final dos anos 80, que o Recife fosse se transformar na capital do pop brasileiro. Ainda bem que, como diria a cartilha Manguê, o mundo é não-linear. Surpresas, felizmente, acontecem.

E o Recife não é a capital de um pop brasileiro qualquer. O Manguê reiventou o que é ser pop no Brasil. Escutar, hoje, Da Lama ao Caos e Afrociberdelia, os dois discos de Chico Science & Nação Zumbi, ainda é surpreendente. Como disse um crítico americano: aquela música não soa como nenhuma outra, como nada que o ouvinte tivesse escutado antes. Não era para menos: Chico Science & Nação Zumbi nasce do encontro de muitos projetos político-culturais recifenses diferentes, todos com uma voracidade informacional espantosa. No início: Chico e Jorge tinham feito escola na Legião Hip Hop, gangue de grafite, break dance e rap; Lúcio e Dengue demonstram ser alunos aplicados da lição do-it-yourself do punk e do trash; Gilmar, Canhoto e Gira participaram de um bloco afro pioneiro (filho de outro curto-circuito cultural, o do samba-reggae); Toca é mestre nos terreiros de Xangô.

Depois ainda entrou a bateria virtuose (e nem um pouco lugar-comum) de Pupilo. E entrou maracatu rural, e jungle, e afro-beat, e coco dub, e sampler, e baião ambiental, e teoria do caos, e filosofia pós-cangaço, e cyberpunk, e todo o resto. O resto já é história: a garotada de Recife descobriu que gostar de maracatu é bacana (e a canção "Livros", do Caetano, é um maracatu - e Gil gravou Vendedor de Caranguejo); o Sepultura descobriu suas "roots", Goldie lançou sua homenagem para Chico; o Baile Perfumado ganhou prêmio em Brasília; Caos e Internet viraram sucessos comerciais. Mas a luta continua. O som da Nação Zumbi, como um "provedor celestial",

não é um território fechado, esgotável. É como a Rede Manguê: infinitamente navegável. Para a Nação Zumbi, sempre será possível fazer uma nova conexão, ou milhares de novas composições, um mais interessante do que o outro, do que o anterior.

É "trankilo" (como diria o Chico) profetizar inúmeros bons frutos para quem atua, com tanta precisão e convicção, de tal maneira. Não é difícil, portanto, ser ufanista: não sou de Recife, nem sou exatamente um mangue-boy, mas eu só quero fazer parte desta Nação (Zumbi).